

[Oracula, São Bernardo do Campo, v. 1, n. 1, 2005]
ISSN 1807-8222

PARA LER O APOCALIPSE

Por Valtair A. Miranda¹
Rio de Janeiro, RJ

Resenha de COLLINS, Adela Yarbro. *The combath myth in the Book of Revelation*. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2001. 291 p.

O livro de Adela Collins foi publicado primeiramente em 1976 pela Harvard Theological Review, e reimpresso com poucas mudanças em 2001. Na verdade, ele é a sua tese doutoral, defendida em setembro de 1975, sob a orientação de Dieter Georgi. O texto agora resenhado tem poucos acréscimos ao primeiro, mais no campo das referências. Esta presente resenha é uma saudação a essa nova edição da obra, que se tornou referência no estudo do Apocalipse de João.

Para demonstrar sua tese, de que o Apocalipse tem como estrutura os antigos mitos de combate, Collins escolheu o Apocalipse 12 como fonte para análise, selecionado por ser mais o mais amplo e claro exemplo dessa dependência estrutural. A origem do material deste capítulo do livro de João está essencialmente no mito de combate, adaptado para interpretar uma situação de conflito e de perseguição do autor e das comunidades de crentes. Como resposta a essa situação, o Apocalipse advoga a estratégia da não-violência e do martírio idealizado.

Segundo a autora, a maior dificuldade na análise do Apocalipse está no fato de várias passagens serem paralelas e repetidas. Isso indicaria o uso de fontes? Se refeririam aos mesmos eventos ou a eventos paralelos? Geralmente, os estudiosos apontam duas estratégias para resolver essa questão. Uma delas é admitir que o redator do Apocalipse usou farto número de fontes diferentes; a outra é entender que esse fenômeno é fruto da sua intenção literária deliberada. Esta segunda opção é chamada de Teoria da Recapitulação.

Apesar dessa hipótese retroceder a datas tão antigas quanto Agostinho, ela foi eclipsada pela Teoria das Fontes, segundo a qual o autor de Apocalipse foi simplesmente um editor que compilou diversas fontes num único documento. Neste caso, as repetições seriam um critério para discernir os limites e extensões dessas fontes. Para Adela Collins, entretanto, a fraqueza dessa teoria reside na

¹ Valtair Afonso Miranda é pós-graduando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, e desenvolveu a presente resenha como parte das pesquisas do Grupo de Pesquisa Apocalíptica Cristã Primitiva: Identidade Religiosa, Representações da Sociedade e História da Recepção, financiado pela FAPESP na qualidade de projeto regular.

constatação de que o último livro do Novo Testamento apresenta uma unidade de estilo. As repetições, ao contrário de indicar fontes avulsas, seriam parte do seu estilo literário.

Para Collins, então, o Apocalipse foi cuidadosamente planejado pelo seu autor, através de alguns recursos organizadores. Um desses recursos aparecem na forma das séries de sete, uma espécie de chave de leitura. Em torno dessas séries, ela define o seu esboço do Apocalipse de João:

Prólogo: 1.1-8

Prefácio 1.1-3

Prescrição e ditos 1.4-8

As sete mensagens 1.9-3.22

Os sete selos 4.1-8.5

As sete trombetas 8.2-11.19

Sete visões não-numeradas 12.1-15.4

As sete taças 15.1-16.20

Apêndice da Babilônia 17.1-19.10

Sete visões não-numeradas 19.11-21.8

Apêndice de Jerusalém 21.9-22.5

Epílogo 22.6-21

Ditos 22.6-20

Bênção 22.21

Um segundo recurso organizador do livro é o fenômeno da interligação. Algumas seções possuem partes que tanto fecham uma seção quanto introduzem a próxima. Este recurso aparece em quase todas as séries, mas pode ser muito bem demonstrado em 8.1-5, que tanto fecha os sete selos quanto introduz as sete trombetas. As sete trombetas seriam o resultado direto do sétimo selo.

Um terceiro recurso organizador pode ser encontrado na forma dos dois livros: o livro selado com sete selos, e o livro que vem a ser comido pelo vidente. Segundo Collins, há indicações literárias suficientes para demonstrar que o Apocalipse é dividido em dois grandes blocos, em torno desses dois livros: 1.9-11.19 e 12.1-22.5. Essas indicações seriam: a) O paralelo entre a comissão de 1.9-3.22 e a segunda comissão no capítulo 10; b) o contraste entre os dois livros. O primeiro é mencionado como selado com sete selos (cap. 5) e o segundo é dado aberto para comer (cap. 10); c) os dois livros foram intermediados por personagens celestiais: o cordeiro no primeiro caso, e um poderoso anjo no segundo.

Na primeira comissão (1.9-3.22), o vidente é comissionado a transmitir não apenas as sete cartas, mas o conteúdo do primeiro livro inteiramente, ou seja, as visões que começam em 4.1. Este

livro é uma epístola celestial, na forma de livro de destino. Em outras palavras, ele é uma tábua de eventos futuros. Os sete selos enfatizam simbolicamente a intensidade do segredo do conhecimento sobre os eventos porvir. O conteúdo desse livro escatológico é dado através de duas série de sete visões (selos e trombetas).

Sobre o pequeno livro aberto (10.11), ele é uma referência à mensagem que será dada através das séries de visões posteriores ao capítulo 12. Seu conteúdo aparece na forma de três séries de sete elementos: uma primeira série não-numerada (12.1-15.4), as sete taças, e uma segunda série não-numerada (19.11-21.8).

Isso significa que o Apocalipse pode ser dividido em dois ciclos de visões, com cada ciclo subdividido em três séries de sete elementos. Dentro desta estrutura, o capítulo 12 se destaca como o ponto central.

Um quarto recurso organizador, que perpassa todo o livro, é o fenômeno da recapitulação. Há duas formas dele se manifestar. A primeira é através da recapitulação temática: a) perseguição, b) punição das nações; c) triunfo de Deus, do cordeiro e dos crentes.

Um outro meio é através dos paralelos entre os dois grandes ciclos. Neste sentido, o primeiro ciclo conta a história de forma alusiva, fragmentária e velada; já o segundo ciclo, o faz de forma clara e com mais detalhes. O primeiro ciclo é vago, misterioso e fragmentar em vários pontos. Por isso ele é simbolizado através de um livro selado; já o segundo é claro, e caracterizado por um livro aberto. O que é esboçado no primeiro, é descrito no segundo.

O Apocalipse queria, com as recapitulações, enfatizar um tema principal. A espinha dorsal deste esquema é o movimento temático da perseguição para a salvação, passando pelo combate.

O capítulo dois do livro de Collins é dedicado ao *combate mítico em Apocalipse 12*. A autora o inicia argumentando que o Apocalipse depende em grande parte de tradições. Neste caso, mesmo que se admita que ele é baseado numa experiência estática real, ele usou imagens e formas tradicionais para comunicar sua experiência. Grande parte dessas imagens provêm de uma longa história traditiva com uma rica variedade de conotações e associações.

O modelo básico subjacente ao livro, que moldou suas imagens, é o mito de combate, que esteve espalhado e vulgarizado pelo antigo mundo oriental e grego. Este mito é caracterizado pelo aparecimento de duas divindades, junto com seus aliados, numa luta pelo reinado universal. Um dos combatentes, normalmente, é um monstro, muitas vezes um dragão, que representa o caos e a esterilidade, enquanto seus adversários representam a ordem e a fertilidade. É a batalha cósmica onde as forças do caos tentam prevalecer sobre as forças da ordem e da fertilidade.

Este mito esteve espalhado no primeiro século de várias formas e em várias versões, podendo ser encontrado em fontes judaicas, sírio-fenícias, egípcias e greco-romanas. Na base do mito talvez

possa estar uma antiga versão da narrativa de Apolo e Piton. De qualquer forma, logo ela se disseminou em versões regionais, como Horus, Osiris e Seth no Egito; Tempestade e Illuyankas entre em tradições hititas; Baal e Yam em tradições cananitas e ugaríticas; Marduk e Tiamat entre os acádicos.

O importante, para Collins, é demonstrar que houve um número de mitos semelhantes em estrutura e tema que circulou no primeiro século da era cristã. Esse conjunto semelhante estrutural e tematicamente é denominado de mito de combate, normalmente com a seguinte estrutura:

- O oponente: São geralmente um par de dragões;
- Caos e desordem: Forças representadas pelo oponente;
- O ataque: O oponente deseja prender a divindade ou destruí-la em busca de poder;
- O campeão;
- A morte do campeão;
- A vitória e o reino do dragão;
- O retorno do campeão;
- Nova luta e vitória final;
- Restauração e confirmação da ordem.

Ao comparar-se Apocalipse 12 com a estrutura acima, nota-se:

- A. O dragão (verso 3);
- B. Caos e desordem (verso 4a), ao derrubar estrelas;
- C. O ataque (4b);
- D. O campeão (5a);
- E. A “morte” do campeão (5b). Não explicitamente mencionado, mas implícito para um contexto cristão do final do primeiro século;
- G. A recuperação do campeão (7a);
- H. Nova luta e vitória (7b-9), pelo menos de forma proleptica;
- I. Restauração e confirmação da ordem (10-12a), também prolepticamente;
- F. O reinado do dragão (12b-17).

A questão a ser buscada, a seguir, é a versão do mito que estaria na base de Apocalipse 12. Para responder a essa pergunta, Collins analisa temas específicos da passagem em busca de paralelos nas demais versões do mito.

O primeiro tema a ser trabalhado é o ataque da mulher ao dragão. A autora analisa paralelos acádicos e hititas, ugaríticos, egípcios e gregos. Sua conclusão é que o tema da mãe de um herói

ameaçada não aparece nas três primeiras tradições, mas nas duas últimas (Isis e Leto). Como essas duas deusas, a mulher de Apocalipse 12 é pintada como a mãe de uma figura heróica sob o ataque de um dragão por causa de seu filho. A similaridade entre esse capítulo do livro de João e o mito de Seth-Isis-Horus e Piton-Leto-Apolo são marcantes:

Mito de Piton-Leto-Apolo

1. Motivação do ataque de Piton: Para tomar posse do oráculo de Delfi;
2. Leto engravida de Zeus;
3. Pito persegue Leto para matá-la;
4. Sob a ordem de Zeus, o vento norte salva Leto; Poseidon (Deus do mar) também vem para socorrê-la;
5. Nascimento de Apolo e Artemis;
6. Apolo derrota Piton;
8. Apolo estabelece os jogos píticos.

Mito de Set-Isis-Horus

1. Motivação do ataque de Set: Reinado de Osiris;
2. Isis engravida de Osiris;
5. Nascimento de Horus;
3. Set persegue Isis para matar a criança;
4. Isis é socorrida por Ra e Thoth;
6. Horus derrota Set;
7. Reinado de Horus.

Apocalipse 12

2. Uma mulher está para dar à luz (verso 2);
3. Um dragão quer devorar a criança (verso 4);
5. Nascimento da criança (verso 5);
7. Reinado da criança (verso 5);
4. Mulher é socorrida por Deus (verso 6), pelas asas da grande águia (verso 14), e pela terra (verso 16);
6. Miguel derrota o dragão (versos 7-9).

As similaridades entre as narrativas são muito grandes para ser acidentais. Elas indicam claramente que há uma dependência. Como o mito de Leto é o mais semelhante ao Apocalipse, e o mais antigo deles, Collins conclui que a história da mulher e o dragão em Apocalipse 12, pelo menos em parte, é uma adaptação do mito do nascimento de Apolo.

O segundo tema a ser trabalhado pela autora é a mulher como rainha do céu. O alvo agora é procurar esse paralelo nas já citadas tradições. Para a autora, é claro que a imagem de 12.1 é de uma grande deusa, uma rainha do céu concebida em categorias astrais. A linguagem de exaltação é tal que apenas três deusas do período helenístico romano poderiam servir como antecedente para essa figura de Apocalipse: Artemis de Éfeso, Atargatis da Síria e Isis. Dessas, por causa da iconografia de Isis, que a representa com traços muito parecidos com a mulher de Apocalipse, ela deve ser o mais provável antecedente.

Sendo assim, resume Collins, Apocalipse 12 é, na prática, uma fusão das tradições de Leto e Isis. A estrutura viria do mito de Leto, e a descrição da mulher da segunda divindade.

Um outro tema a ser desenvolvido é a batalha no céu, ou a derrota do dragão por Miguel. A autora passa a buscar, então, paralelos desse mito em outras tradições, como acádicas (Tiamat por Marduk), gregas (titãs por Zeus), hititas (Alalu por Anu), ugaríticos (Mot por Baal) e judaicas.

Ao discutir esta tradição, ela se concentra em alguns textos do Antigo Testamento que poderiam ser os paralelos mais prováveis. Isaías 14.12 é citado, como reflexo do mito cananita de Athtar, por causa das referências à estrela da manhã e ao filho da alva (em Isaías, é uma referência ao rei da Babilônia, que na sua queda é comparado a Athtar). Este mito foi aplicado a Satã provavelmente no primeiro século da Era Cristã. Como resultado desta aplicação surgiu o mito da rebelião de Satã contra Deus.

Neste caso, o mais forte paralelo para a história de Miguel e Satã é o mito da rebelião satânica contra Deus, que resulta na sua expulsão do céu, derivado do mito cananita de Athtar e sua tentativa de usurpar o trono de Baal.

Como resultado, duas questões são levantadas, para introduzir o próximo capítulo. Por que não foi o filho da mulher, e sim um anjo, que derrotou o dragão em Apocalipse 12? A luta no céu é coerente com a narrativa da mulher e o dragão? Este é o assunto do capítulo III, intitulado *usos cristãos e judaicos do mito de combate em Apocalipse 12*.

Apocalipse 12, então, não é um texto único, mas uma obra redacional construída a partir de duas fontes. A primeira descreve o conflito entre uma mulher e seu filho contra um dragão. A segunda descreve uma luta no céu. Os indícios usados para demonstrar isso são:

- A narrativa não parece ser uma narrativa unificada. A batalha no céu não tem qualquer ligação com a narrativa da mulher a não ser pela justaposição. Não há ligação entre os versos 6 e 7;

- Há mudança no discurso nos versos 10-12. Do discurso narrativo passa-se para a proclamação ou aclamação, inclusive com uma nova fórmula introdutória (“eu ouvi uma grande voz no céu...”);

- Há um resumo nos versos 10-12;

- O verso 6 é repetido no verso 14. Este recurso é um instrumento redacional rotineiro para retomar uma fonte depois de uma inserção;

- Observa-se incoerência em certos pontos. Como a mulher veio parar na terra, se ela estava no céu?

Um outro destaque é que o capítulo 12 não parece ser uma composição única cristã. Sua descrição de Messias não se ajusta com a descrição messiânica do antigo querigma cristão primitivo. A história se concentra no nascimento do bebê e não na morte do Messias. O bebê é imediatamente transportado para Deus (o que não parece ser uma referência a ascensão de Cristo). Não há referência explícita à morte redentiva. A obra do messias é totalmente jogada para o futuro.

Um outra dificuldade está na identificação da mãe da criança. Quem seria ela? Indicar Maria como a mulher tem grandes dificuldades, pelo fato de que o dragão continua a perseguir a mulher depois do nascimento da criança (versos 13-17). Seria a igreja? Esta teoria também é difícil. Afinal, em que sentido a igreja daria origem ao Messias? Uma outra sugestão para a identificação da mulher é o povo de Deus do Antigo Testamento, do qual Cristo veio segundo a carne, e o povo de Deus do novo pacto nos versos 6 e 14-16. Esta alternativa, entretanto, não consegue ser consistente na identificação da mulher.

Percebe-se que a maior dificuldade de entender esta narrativa como uma construção originalmente cristã é dar uma resposta consistente para a função da mulher como mãe do messias e como comunidade cristã sob perseguição. Isto indica que essa imagem não é uma criação cristã, mas uma adaptação que somente parcialmente coube no seu novo contexto. Ela seria uma obra originalmente judaica, apropriada pelo autor de Apocalipse. Num contexto judaico ela representa o povo perseguido de Deus do qual virá o messias.

Uma outra dificuldade está na narrativa da batalha no céu. De um ponto de vista cristão, espera-se que fosse Cristo o vencedor do dragão. Mas no texto é Miguel que o vence. Isso indica que ela também é uma narrativa criada em contexto judaico.

Neste caso, o redator cristão fez uso de duas fontes judaicas, combinando-as do seu jeito.

Existem outros claros elementos de atividade redacional em Apocalipse 12. Um deles é que, ao associar a batalha no céu com a queda de Satã, esperaríamos encontrar a descrição do adversário de Miguel como Satã, Azazel ou algum outro epíteto antecedente. A designação do adversário como dragão já é um elemento de atividade redacional. O redator alterou suas fontes neste primeiro aspecto.

Há uma certa obscuridade na forma como a mulher vem para a terra. Este problema parece ter se originado pela maneira Apocalipse somou suas fontes. Aparentemente, a história da mulher e o dragão tem seu contexto original na terra. Quando João aglutinou esta narrativa com a história da batalha no céu, ele precisou colocar pelo menos parte da primeira história também no céu. Neste sentido, a descrição da mulher como a rainha do céu é outra contribuição do redator para suas fontes.

Para somar estas as duas histórias, o autor compôs um hino que comenta a batalha no céu, somou-a à história da batalha como um apêndice, e introduziu as duas peças na narrativa da mulher.

Mas qual seria a função do mito da mulher e do dragão no seu contexto original? Nas tradições antigas, nos mitos que envolvem Baal, Yam e Mot, o mito de combate funciona para interpretar as tensões entre a fertilidade e a esterilidade, ordem e caos. Este caráter cosmogônico também está presente quando ele aparece na Bíblia hebraica. Mas, ao ser usado em contextos reais, o mito assume contornos políticos, pela perspectiva de que o rei representa Javé na terra. É assim já em Daniel 7 e 8, quando a ameaça de Antíoco é interpretada com o uso das bestas escatológicas. Como consequência, a imagem do dragão num contexto judaico do primeiro século seria lida como uma referência política. Identificar-se-ia este personagem com uma série de inimigos da nação de Israel. Não haveria qualquer motivo para a que o dragão fosse identificado com Satã na fonte originalmente judaica.

A associação com o deserto é outro elemento analisado. Seu argumento é que mesmo que a narrativa da mulher esteja fazendo uso do mito de Apolo, isso não exclui uma dependência do Antigo Testamento. A questão do deserto é um forte indício, como um elemento evocador de tradições exodais, que sempre tiveram grande conotação política em Israel. No período intercanônico, as tradições do deserto, principalmente quando combinadas com o tema do novo êxodo, tiveram amplas conotações políticas. A fuga da mulher para o deserto lembraria os leitores de contexto judaico da fuga de Matatias e seus filhos debaixo do conflito contra o poder de Antíoco ou a fuga dos piedosos judeus para escapar do general romano Pompeu.

Assim, no seu contexto judaico, a descrição da fuga da mulher e seu refúgio no deserto intentavam evocar a expectativa de uma novo e escatológico êxodo, bem como um breve período de deserto, que seria seguido da aparição de uma figura salvadora que libertaria o povo judeu do poder de Roma. A narrativa foi escrita para ser lida por eles como expressão figurada de um conflito histórico. Ela pode ser caracterizada como uma “história paradigmática”. Este confronto entre a mulher e o dragão tipificava o conflito do povo judeu com Roma no primeiro século antes de Cristo e depois de Cristo.

A função dessa narrativa no seu estágio judaico parece ter sido exortar e confortar um grupo de judeus durante um tempo de conflito, e o fez da seguinte forma:

- Ela revela que o messias já nasceu e está reservado no céu para um tempo apropriado;

- A descrição do livramento da mulher evoca a esperança da comunidade no seu próprio livramento através de um novo êxodo e um breve período no deserto;

- A forma como o tempo de cativo é descrito indica que eles deveriam esperar pouco tempo para o livramento celestial.

Na sua forma redatorial cristã, entretanto, João primeiramente colocou a cena no céu. Depois, ele universalizou o conflito ligando o dragão com Satã, mistificando-o. Na fonte, os leitores se identificariam com a mulher, na forma de uma alegoria paradigmática. Na adaptação cristã, os leitores se identificarão com sua semente.

Na seu contexto original, o dragão e a mulher são metáforas, como a besta e o pequeno chifre de Daniel 7 e 8. Na redação cristã, a mulher, como descrita em 12.1, é um tipo de personalidade celestial. Ela se torna, na versão do Apocalipse, o Israel celestial, como mencionado na poesia do Antigo Testamento (Os 1.9; Is 50.1). O autor do Apocalipse se baseou na idéia antiga judaica de que entidades terrestres tinham protótipos celestiais (arca da aliança, Lei etc.).

Como a mulher é descrita como uma personagem celestial, o nascimento da criança também se torna um evento celestial, protótipo do nascimento terrestre de Jesus. O uso dessa imagem mostra que o autor cristão entendeu o estabelecimento da comunidade cristã como um evento escatológico paralelo à vinda do messias.

O capítulo IV do livro de Collins é inteiramente dedicado à discussão do adversário escatológico. Ao fornecer a estrutura mítica do livro como um todo, o capítulo 12 também gerou um dualismo cósmico. Todas as pessoas são divididas em dois grupos: ou são seguidoras do cordeiro, ou são seguidoras de Satã e a besta. É um dualismo sectário bem formado pelo mito de combate. Ele imagina que o presente tempo é caracterizado por uma luta entre Deus e as forças do bem contra Satã e as forças do mal.

É Satã que dará poder ao adversário escatológico que se levanta em Ap 13. Esta narrativa parece depender basicamente de Daniel 8, onde as bestas refletem as tradições míticas de Leviatã e Behemoth (Jó 40-41). Elas foram derrotadas por Deus em tempos primordiais, mas continuam tentando atacar a criação de Deus. Na versão do Apocalipse, esta tradição se refere ao aparecimento de um adversário escatológico. É um adversário que aparece de forma um pouco fluída, mas pode ser percebido em Apocalipse 11.7, 13 e 17. Estas bestas são, neste caso, a mesma besta. Como o modelo de Apocalipse 13 é Daniel (uma interpretação político-religiosa), aqui em Apocalipse ela é uma passagem que usa linguagem mitológica para interpretar também um conflito político-religioso.

Da mesma forma, já que o capítulo 17 interpreta as cabeças explicitamente como reis, a besta deve ser identificada como um imperador romano. Para Collins, a força da paródia do capítulo 13

requer que esse rei tenha morrido e ressuscitado. O único imperador que poderia se encaixar neste esquema é Nero, por causa do mito da volta de Nero, adaptado pelo autor de Apocalipse.

Essa passagem reflete a expectativa corrente da época de que Nero voltaria para recuperar o governo de Roma e destruir seus inimigos. Este mito nasceu por causa da circunstância vaga que cercou sua morte. Como ele era popular em algumas partes do Império, propagou-se que ele não teria morrido de fato, mas apenas fugido para a Pártia. De lá, um dia, ele voltaria para guerrear contra seus inimigos. No contexto original do mito, ele funciona como um tipo de mito do salvador. Mas não há qualquer indício no mito de que ele voltaria da morte.

Assim, a adaptação do mito em Apocalipse, fazendo Nero voltar da morte, foi criada para caracterizá-lo como o agente de Satã, uma imagem oposta de Cristo, o agente de Deus.

Neste caso, a besta significa o Império Romano em geral, e Nero em particular. O alvo do autor do Apocalipse parece ter intentado caracterizar a situação contemporânea como uma luta dualística na qual seus leitores devem tomar partido e resistir firmemente ao poder do caos expresso na perseguição.

Essa caracterização de Nero como o adversário escatológico tem a função de indicar o contraste entre a reivindicação ilegítima do império romano por poder real e honras divinas com a legítima reivindicação de Cristo.

No último capítulo, Collins demonstra que o modelo de combate está na base e estrutura de todo o Apocalipse. Neste capítulo, ela amplia os traços políticos do livro de João, reafirmando que ele enfrenta um império romano mistificado. Para ele, a ameaça romana é parte de uma universal e sistemática rebelião do caos contra a ordem. É isto que faz com que a principal mensagem de cada uma das séries do livro seja o sobrepujamento da ameaça, a derrota do caos, e o restabelecimento da ordem.

Apocalipse, assim, usa o mito de combate para interpretar uma situação de perseguição, onde o conflito é situado no nível individual e o martírio é enfatizado.

De uma forma geral, o mito de combate, no livro como um todo, teria as seguintes funções:

- Ele indicaria a vitória divina, e interpretaria o julgamento divino como vingança pela morte dos mártires;
- Se há um número de mártires fixado para detonar o julgamento final, a morte dos santos poderia apressá-lo;
- Reforçar a resistência a Roma e inspirar o martírio de boa vontade.

Não poderíamos terminar essa viagem pelo texto de Collins sem algumas palavras de avaliação. Seu livro é escrito com muita precisão, com uma bela introdução e contínuos parágrafos de

transição entre os capítulos. Carece-se, entretanto, de uma conclusão da obra como um todo. O livro termina de forma abrupta. Após o último capítulo, segue-se imediatamente um apêndice que localiza o mito de combate em várias outras fontes do mundo antigo.

Possivelmente, a conclusão ficou por causa das várias pequenas inserções de síntese no corpo da obra. Collins não se cansa de resumir e retomar conclusões já fechadas de partes e capítulos anteriores, não apenas no fim de cada capítulo, mas também dentro de cada bloco temático.

De qualquer forma, ressentir-se de algumas palavras finais da autora sobre o seu trabalho, se não na forma de revisão da pesquisa, pelo menos na forma de projeção para pesquisas futuras, ou, então, as implicações do seu trabalho para as leituras seguintes do Apocalipse.

Uma outra ausência no livro é quanto à implicação de suas conclusões na possibilidade da crise de João ser percebida, não diretamente concreta. A autora insiste na demonização de Roma por parte do autor de Apocalipse. Ora, nem todas as comunidades cristãs desse período, talvez nem mesmo as comunidades às quais João escreve, entendiam suas relações com o contexto de forma conflituosa, muito menos de proporções cósmicas. Um exemplo poderia ser apontado na comunidade subjacente à carta de 1Clemente, de data semelhante ao Apocalipse.

Infelizmente, apesar de perceber a enorme erudição de Collins, ela não apresentou seu referencial teórico. Já que ela discute o mito de combate, os leitores precisariam localizar quais autores ela usa para construir seu conceito de mito, mitemas, narrativas paradigmáticas, e trocas culturais.

Independente disso, *the combath myth in the Book of Revelation*, se revela um texto grandemente enriquecedor. Adela Collins parece realmente ter cumprido seu objetivo de fornecer subsídios para minimizar as dificuldades de leitura do Apocalipse. Que esta nova edição da obra possa continuar sendo usada pelos pesquisadores e pesquisadoras que se interessam em compreender aquele que parece ser o mais enigmático livro produzido pelas comunidades cristãs do primeiro século.